

## Produção geral e valor: sobre George Caffentzis

Caffentzis, G. *In Letters of Blood and Fire*,  
Oakland, PM Press, 2013.

*“Por outro lado, no entanto, esses recém-libertos só se convertem em vendedores de si mesmos depois de lhe terem sido roubados todos os seus meios de produção, assim como todas as garantias de sua existência que as velhas instituições feudais lhes ofereciam. E a história dessa expropriação está gravada nos anais da humanidade em letras de sangue e fogo.”*

Karl Marx<sup>1</sup>

Todo livro é uma ferramenta, ou antes, uma máquina, que não pode ser concebida como separada do processo de produção teórica em que se insere, nem do processo de produção social que implica. Ao mesmo tempo produto (do processo de produção teórica) e meio de produção (para a reprodução do processo), um livro pode ser fantasiado como um sistema mais ou menos acabado, como um projeto fechado sobre si mesmo, mas isso não passa de um auxílio imaginativo que em alguns casos nos deixa melhor perceber sua coesão interna. Em outros casos, a coesão e o sentido do processo de produção teórica são tão intensos que o livro pode surgir dispensando a imaginação do projeto ou do sistema (ao menos de uma certa concepção do sistema), como resultado quase espontâneo, abrindo uma série de caminhos na prática teórica para quem o lê. É o caso com *In Letters of Blood and Fire*, de George Caffentzis.

Ao lado de personagens como Silvia Federici, Peter Linebaugh e Harry Cleaver, George Caffentzis é uma das figuras centrais na cena autonomista norte-americana. A afirmação da autonomia deve ser tomada como a

---

1 Marx, K. *O Capital*, p.787. Alteramos a redação da edição de referência, em que no lugar de “letras” está gravado “traços”.

\* Doutorando pela PUC-Rio, bolsista do CNPq e membro do grupo de pesquisa Materialismos – Ontologia, Ciência e Política na Filosofia Contemporânea.

afirmação do poder “dos trabalhadores de definirem seus próprios interesses e lutar por eles – para ir além da simples reação à exploração ou de uma ‘liderança’ autodefinida e tomar a ofensiva de maneira que moldam a luta de classes e definem o futuro” e, portanto, como afirmação da constituição autônoma da classe trabalhadora em relação à ordenação imposta pelo capital, a suas organizações “oficiais” (partidos, sindicatos), mas também autonomia das seções da classe umas em relação às outras (as mulheres em relação aos homens, negros em relação a brancos, etc.)<sup>2</sup>. O autonomismo tem uma história mais plural e complicada do que se costuma pensar. Partindo de suas fases iniciais nos EUA com C.L.R. James e a Tendência Johnson-Forrest, passando pelas tempestades dos anos 60 e 70 na Itália marcadas pelo operismo e pela *Autonomia Operaia*, encontra seus desenvolvimentos mais recentes no pós-operismo de Negri, Hardt & cia e nos trabalhos ao redor do *Midnight Notes Collective* nos EUA, do qual Caffentzis foi um dos inventores.

É em *In Letters of Blood and Fire* que encontramos um dos pontos mais altos da produção teórica e dos anos de experimentação militante do autonomismo – experimentação militante na qual Caffentzis foi uma das peças ativas, tendo passado do movimento de direitos civis nos EUA dos anos '60 às lições do zapatismo na década de 90, através do movimento dos trabalhadores nigerianos nos anos '80. É essa experimentação que faz da teoria uma prática e uma estratégia de luta, que transforma a herança intelectual de Marx no que os revolucionários chineses chamaram de “um guia para a ação”, para além de toda imagem da teoria revolucionária como sistematismo ou dogmática. É por isso que, logo de partida, somos lembrados da operação pela qual Fanon fez passar as categorias de Marx, fazendo com que fossem “esticadas”, mas não “rompidas”, voltando a herança marxiana para as zonas da produção capitalista recalçadas pelo economicismo do marxismo oficial – as categorias do materialismo histórico precisam ser remoldadas porque vinculadas a uma nova concepção “das lutas dos trabalhadores não-assalariados (especialmente mulheres) como básicas para a compreensão do capitalismo e de suas crises”, que se “recusa a aceitar um fetichismo das máquinas, tanto quanto das mercadorias e do dinheiro, para oferecer uma explicação dos acontecimentos históricos; e elas oferecem a possibilidade de um espaço de possibilidade para os movimentos anticapitalistas”<sup>3</sup>.

---

2 Cleaver, H. & De Angelis, M. *An Interview with Harry Cleaver*. s.p.

3 Caffentzis, G. *In Letters of Blood and Fire*, p. 2.

É esse um dos traços mais marcantes do autonomismo norte-americano e da cena que circundava o Midnight Notes Collective. Se, por um lado, as tendências do operismo italiano já haviam inventado toda uma nova série de remoldagens conceituais cruciais nas categoriais marxianas para a colocação do problema estratégico da autonomia da classe trabalhadora – especialmente nos termos da “fábrica social”, da teoria da composição de classe, do foco na dupla natureza do trabalho no capitalismo e do problema da auto-valorização operária<sup>4</sup> – por outro, essas tendências ainda permaneciam em alguns pontos presas ao economicismo do marxismo clássico. É o caso com as afirmações de Mario Tronti em *Operai e Capitale* – livro fundamental em muitos outros aspectos – sobre o primado das lutas da classe trabalhadora nos “setores mais avançados” da cadeia produtiva ou sobre uma certa imagem teleológica da tendência de desenvolvimento constituinte da classe operária, e, mais ainda, com as teses mais recentes de Negri sobre o “trabalho imaterial” e o “capitalismo cognitivo”.

Enquanto o operismo italiano se desenvolveu nos anos 60 entre as lutas de jovens operários e estudantes nas fábricas do norte da Itália, o autonomismo norte-americano se desenvolvia certamente associado aos acontecimentos italianos, mas em uma relação intensa com a produção feminista do movimento de Salários para o Trabalho Doméstico<sup>5</sup> e com as lutas da Nova Esquerda em torno de focos também para além do ambiente fabril (lutas de estudantes, certamente, mas além disso lutas em torno da sexualidade, do racismo, do ambiente doméstico).

As invenções do feminismo autonomista abriam, assim, uma linha pela qual a estratégia revolucionária poderia escapar dos impasses do economicismo, colocando o problema no nível da *reprodução*, ou da série de atividades de produção social que operam como condições materiais da produção de valor. Se a reprodução pode aparecer para o capitalismo como “trabalho improdutivo”, é porque o capital reduz a produção à extração direta de valor na produção de mercadorias, ignorando toda a série de processos (re)produtivos que tornam possível a extração do valor (p.ex.: no nível do trabalho

---

4 Cf., sobre isso, respectivamente Tronti, M. *La fabbrica e la società* in *Operai e Capitale*, p.35-55, Bologna, S. *Class composition and theory of the party at the origins of the workers' council movement*. Disponível em <https://libcom.org/library/class-composition-sergio-bologna>, acessado em 09/06/2016. Tronti, M. *Marx, forza-lavoro, classe operaia* in *Operai e Capitale*, p. 121-131, e Negri, A. *Marx au-delà de Marx*, p. 263-294.

5 Desenvolvido teoricamente nas produções de Silvia Federici, Mariarosa Dalla Costa, Selma James e ainda várias outras militantes.

doméstico, a reprodução de bebês na gestação, a educação das crianças como a condição para que elas se tornem elementos disciplinados da força de trabalho, os “serviços” psicológicos ou sexuais que garantem que o marido possa voltar ao local de trabalho no dia seguinte sem assassinar o patrão, etc.). E talvez, a chave para a compreensão da força dessas invenções teóricas seja realmente a elaboração de um novo conceito de produção, de um conceito não antropocêntrico de produção, na exata medida em que a redução da produção social à produção de valor é a redução da produção à forma abstrata do Homem, como ilusão propriamente capitalista: é com acontecimentos desse tipo que o materialismo como estratégia proletária ultrapassa a coleira de ferro do imaginário economicista/humanista do pensamento burguês<sup>6</sup>. É esse novo conceito de (re)produção que torna possível a descoberta dos contornos precisos da luta de classes no trabalho doméstico feminino, mas também na crise energética, no movimento anti-nuclear, nas lutas estudantis e nos movimentos de defesa dos bens comuns.

Distribuídos em três eixos – o *Trabalho*, as *Máquinas* e as *crises do capitalismo* desenvolvidas nos termos de *Dinheiro*, *Guerra e Crise*–, os textos que compõem o livro foram escritos como resposta à “crise capitalista de trinta anos” (e contando), entre 1980 e 2010. Cada um desses eixos nos leva a novos avanços no que diz respeito à nova teoria da (re)produção. Assim, em *Trabalho*, se começa pelo ponto de partida usual da descoberta do trabalho como causa produtora os objetos materiais necessários para a existência de um coletivo qualquer, mas, através da grande descoberta teórica do movimento Salários contra o Trabalho Doméstico sobre a centralidade do trabalho não-assalariado de reprodução para o capitalismo, atingimos o ponto em que esse conjunto de objetos materiais encontra também como sua causa produtora um *outro tipo de atividade produtiva na recusa do trabalho*: “Desde então, passei a ver o mundo dos objetos como produtos de uma luta entrelaçada entre o trabalho e a sua recusa, e as ações de cada pessoa como sendo ou trabalho para o capital (ou preparação para ele) ou a sua recusa”. A luta de classes, então, não é um conflito que se passa apenas nos pontos intensos de greves e insurreições, mas “seu coração [são] as microlutas entre o trabalho e sua recusa que eventualmente se tornam as greves, insurreições e constituições que são registradas nos livros de história”<sup>7</sup>. A atividade da recusa, no entanto, não deve ser compreendida exclusivamente como uma atividade de negação da ordenação capitalista da

---

6 Sobre este ponto, cf. Althusser, L. *Resposta a John Lewis* in *Posições*, p. 60.

7 Caffentzis, G. op. cit., p.3.

produção social, ainda que ela deva, necessariamente, aparecer como uma negação nas condições atuais da produção social. Ela é, antes, a expressão do processo de “auto-valorização” da classe trabalhadora, de seu esforço para existir e agir para além da forma-trabalho que a ordenação capitalista impõe à sua atividade. E se Caffentzis insiste em retomar a teoria do valor/trabalho não é por outra razão: é que dizer que o trabalho é a única fonte e medida do valor certamente não é dizer que o trabalho é a única fonte de riqueza social; trata-se, na verdade, de fazer da recusa do valor e, portanto, da recusa do trabalho um dos nós centrais da estratégia revolucionária.

O que descobrimos é, portanto, a produtividade própria de uma noção aberta de sociabilidade, de um tipo de produção descentrada dos domínios do valor e do trabalho, e que dá o sentido real às formulações de Marx a respeito da “produção social da vida”. É assim que em “A crise de trabalho/energia”, um dos ensaios centrais do livro, a “crise energética” dos anos 70 pode ser lida não como uma crise resultante da escassez de um recurso energético na forma do petróleo, remetendo – como, aliás, sustentava a opinião geral do capitalismo na época – ao polo objetivo da Natureza, nem como uma crise relativa exclusivamente ao trabalho e ao processo imediato de valorização, mas exatamente como uma “crise de trabalho/energia”, mobilizando todo tipo de relação social. Daí as incursões de Caffentzis pela física, pelo nascimento da ciência moderna e pela termodinâmica como cenários do desenvolvimento da luta de classes, e sua apresentação do imaginário capitalista da afirmação de um apocalipse resultante do fim dos recursos (afinal, o fim dos recursos só pode ser apocalíptico se se supõe mantida uma determinada forma de produção social que não pode deixar de mobilizá-los...)⁸.

É, ainda dessa perspectiva, que Caffentzis, escrevendo a quatro mãos com Silvia Federici, pode apresentar em “Mórmons no espaço” uma análise da oposição entre o tempo do capitalismo e o espaço da Terra, entre o trabalho

---

8 “As formas que o apocalipse assume nessa crise são cruciais. Elas marcam tanto um aviso quanto uma ameaça específica, assim como o apocalipse da morte térmica inspirava o taylorismo e as catástrofes centrípetas/centrífugas ditavam certas figuras da intervenção estatal mercantilista. O que anti-limacionistas e interacionistas nos permitem decifrar na crise atual? O primeiro passo de decifragem deve ser encontrado na ‘natureza’. Parece que a Natureza e suas coisas são um polo independente, dado e distinto do capital – seu material “bruto” (...). Pelas curvas de exaustão de petróleo ou gás natural, parece que um buraco negro definitivamente está devorando os recursos. Mas para o capital, a Natureza *qua* Natureza não existe. Até a Natureza também é mercadoria. (...) O problema energético é com certeza um problema do capital, não um problema da ‘natureza’ ou ‘do Homem e da Natureza’.” Ibidem, p.16. A única pergunta que poderia ser feita a Caffentzis nesse ponto seria como avançar essa análise sobre a crise energética, feita nos anos 80, para uma etapa em que o capitalismo não afirma o apocalipse (energético) como limite de contensão da luta de classes, mas *nega o apocalipse* (climático) como forma de continuar o ‘business as usual’, e evitar, exatamente, o desenvolvimento da luta de classes em torno da Terra.

e a vida; não surpreende que essa oposição seja desenvolvida concretamente no deciframento da relação entre o imaginário de alta tecnologia da expansão do capitalismo ao espaço sideral e o ultraconservadorismo religioso (análise que, aliás, não deixa de emitir sinais para a América Portuguesa). Ou ainda, em “Três dimensões temporais da luta de classes”, a análise dos tipos de temporalidade do capitalismo e das recusas do tempo (ou seja, do trabalho) correlatas, chegando a uma verdadeira teoria do nomadismo operário no caso da atividade dos vagabundos sem-teto (*hobos*) e sua expropriação/comunicação das estradas de ferro nos EUA. Não é surpreendente, portanto, que, ainda em *Trabalho*, Caffentzis chegue a desenvolver uma crítica cortante das teorias do “fim do trabalho” através do desenvolvimento da automação no processo produtivo e a recusar a tendência pós-operaísta à falação sobre o “trabalho imaterial” e o “capitalismo cognitivo”. É que o capitalismo encontra no trabalho, no “dispêndio de energia humana considerado exclusivamente em relação a si mesmo”, a fonte da sua substância (= valor) e deverá compensar cada processo de automação com uma expansão do trabalho precário ou mesmo da semiescravidão e da escravidão como fontes de exploração.

Daí a passagem às *Máquinas*: trata-se de mostrar que a integração da ciência e da alta tecnologia no processo de produção de mercadorias *não diminui a necessidade capitalista da exploração*. É sempre possível encontrar quem – como Toni Negri ou Christian Marazzi – reassuma o economicismo e faça com que as relações sociais de produção dependam “em última instância” do processo de desenvolvimento das forças produtivas: a informatização/automação da produção teria como efeito a passagem da “tendência dominante” do capitalismo ao “trabalho imaterial” (informação, “serviços”, “trabalho afetivo”), em que os trabalhadores desenvolvem um processo imediato de cooperação, o trabalho se torna “supérfluo” e a exploração capitalista incide apenas do exterior do processo produtivo. Ora, não é nunca disso que se trata, uma vez que no capitalismo a produção de riqueza (“valores de uso”) deve ter como fim a produção de valor, e as máquinas não podem de maneira alguma criar valor (embora certamente possam criar riqueza...); esse duplo processo de crescimento simultâneo da automação e da exploração de trabalho precário teve sua primeira fase de implementação na África, processo que Caffentzis pôde acompanhar de perto em seus anos na Nigéria. Esses são os pontos dos dois primeiros ensaios de *Máquinas*, “Por que as máquinas não podem criar valor: a teoria das máquinas de Marx” e “Sobre a África e os autômatos auto-reprodutíveis”. Os ensaios que encerram o segundo eixo – “Marx, as máquinas de Turing e o trabalho do pensamento” e “Cristais de dispositivos analíticos” – desenvolvem a

problema da teoria das máquinas marxiana no sentido de sua superação. Para além do tema do “trabalho imaterial”, é na produção de uma teoria das máquinas que parta não das teorias da mecânica simples ou da termodinâmica conhecidas por Marx, mas da teoria das máquinas de Turing, como máquinas de informação, que Caffentzis orienta o processo de pesquisa. Se Charles Babbage já começava a desenvolver uma teoria das máquinas de informação análoga à de Turing no tempo de vida de Marx, trata-se de encontrar os limites da teoria da tecnologia de Marx e do modelo de sua concepção do trabalho para tornar o trabalho intelectual um objeto de conhecimento efetivo.

No eixo final, *Dinheiro, Guerra e Crise*, esses três elementos da produção capitalista são analisados nos termos do instrumental teórico tornado possível pela descoberta da (re)produção. Em “O poder do dinheiro: dívida e cercamento” e “Notas sobre a crise financeira”, a luta de classes é estendida para além do conflito entre salário e lucro, para o que acontece em torno da dívida e do crédito. A dívida é encarada como um dispositivo de servidão imposto à classe trabalhadora, um deslocamento do antagonismo entre ordenação capitalista da produção social e recusa do trabalho ao processo de consumação, da hipoteca às dívidas escolares nas universidades norte-americanas na crise do capitalismo iniciada em 2008. O ensaio final, “Sobre a noção de crise da reprodução social”, encerra o ciclo retornado ao problema central da reprodução e, finalmente, colocando-o nos termos de um *processo de produção generalizado*, em que a noção de crise é levada ao próprio terreno da reprodução, do trabalho doméstico feminino ao ataque às terras comuns na periferia mundial na última rodada da globalização, uma generalização da produção que nos faz ver como “consequentemente, os ‘movimentos sociais’ – cujas negociações/antagonismo com o capital (público e privado) formaram grande parte da luta social aberta dos últimos vinte anos (de movimentos pelo bem-estar das mulheres aos direitos dos gays, movimentos dos povos indígenas, ambientais e anti-nucleares) – se tornam *movimentos de classe*”<sup>9</sup>.

O trabalho de Caffentzis nos deixa entrever, em sua inventividade e em seu rigor, alguns dos caminhos possíveis para o desenvolvimento de uma estratégia revolucionária capaz de superar os impasses do século XX e abrir o caminho para as lutas do século XXI. Se a brutalidade do capital está escrita nos anais da história com letras de sangue e fogo, é a luta autônoma dos proletários (entendidos como todos aqueles que são mobilizados para sustentar o processo de valorização, das donas de casa aos estudantes, passando pelos operários

---

9 Ibidem, p.270.

### Referências Bibliográficas

Althusser, L. *Posições I*. Rio de Janeiro: Graal. 1974.

Caffentzis, G. *In Letters of Blood and Fire*. Oakland: PM Press. 2013.

Cleaver, H. & DE angelis, M. *An interview with Harry Cleaver*, Disponível em <https://la.utexas.edu/users/hcleaver/InterviewwithHarryCleaver.html>, consultado em 12/06/2016.

Marx, K. *O capital*. São Paulo: Boitempo. 2013.

Negri, A. *Marx au-delà de Marx*. Paris: L'Harmattan. 1996.

Tronti, M. *Operai e Capitale*. Roma: Derive Approfondi. 2006.











Esta revista foi composta em  
Berkeley Oldstyle Book,  
miolo impresso em papel offset 75g/m<sup>2</sup>,  
capa em cartão supremo 250g/m<sup>2</sup>,  
na gráfica J.Sholna, em junho de 2016.